

---

## AS RAÍZES DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

---

**Maria Angélica Peixoto\***

O foco temático desse trabalho é discorrer sobre a formação da sociologia no Brasil. A sociologia inicia seus primeiros passos no continente europeu no século XVIII e se sistematiza enquanto ciência no século XIX, e teve seu processo de consolidação no século XX, já em seu início (MARTINS, 1994; CUIN; GRESLE, 1994; BOUTHOU, 1959). No Brasil, no entanto, os primeiros passos desta ciência ocorrem no século XX, a partir da década de 30, sendo que, para alguns estudiosos, seu nascimento dataria da década de 30, 40 ou 50 enquanto que, para outros, isto seria a fase pré-sociológica, e a sociologia científica surgiria mesmo na década de 60 (GOMES, 1994; FERNANDES, 1978). O objetivo do presente artigo é descobrir as raízes da sociologia brasileira, observando o seu processo de gênese e explicando este processo à luz de uma análise da realidade social brasileira.

Partindo da constatação desta defasagem entre o desenvolvimento da sociologia na Europa e no Brasil, apresenta-se o seguinte problema de pesquisa: por qual motivo a formação da sociologia no Brasil ocorreu de forma tão tardia em relação ao continente europeu? Antes de dar continuidade se faz urgente repensar o problema e colocar que ao invés de um motivo, houveram vários. Pois bem, partindo das indicações metodológicas feitas por Karl Marx: “o concreto é o resultado de suas múltiplas determinações” (MARX, 1983), cabe ao pesquisador, portanto, descobrir a determinação fundamental do fenômeno, isto é, descobrir aquilo que engendrou efetivamente o fenômeno, e, posteriormente, reagrupar as demais determinações numa totalidade concreta (MARX, 1983; VIANA, 2007). Assim, ao questionar as motivações, pergunta-se sobre a determinação fundamental, o que não significa descartar as demais determinações.

---

\* Professora do Instituto Federal de Goiás- Campus Inhumas; Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Ciências; Grupo de Pesquisas e Estudos em Leitura – GPEL.

Diante disso, inicialmente o foco será a determinação fundamental para, logo após, as demais serem focalizadas posteriormente.

A partir do problema levantado realizou-se uma investigação bibliográfica que possibilitou constituir uma hipótese que fosse o fio condutor de nossa pesquisa. Para elaborar a hipótese percebeu-se que seria necessário partir da idéia de que a compreensão deste fenômeno remete a um estudo sociológico da sociologia, isto é, à aplicação do saber sociológico à própria sociologia. Este será, portanto, o embasamento do referencial teórico.

O quadro teórico se encontra na contribuição metodológica de vários sociólogos, entre os quais, Marx e Durkheim, e daqueles que contribuíram mais especificamente com a sociologia do conhecimento, além dos acima citados, como Mannheim, Löwy, Bourdieu, Berger e Luckmann, entre outros, como também estudiosos da sociologia brasileira e da sociedade brasileira, da mesma maneira que Florestan Fernandes, João Manuel Cardoso, Antônio Cândido, Cândido Gomes, entre outros.

O referencial teórico se baseia, então, na sociologia do conhecimento, partindo da idéia de totalidade como categoria central de análise. A sociedade compreendida como totalidade é a chave explicativa do problema e fio norteador do processo de análise e hipótese.

Karl Marx e Friedrich Engels forneceram significativas sugestões neste sentido. Para estes autores, as idéias (religiosas, morais, estéticas e, o que se refere diretamente ao objeto de nosso estudo, *científicas*) não podem ser compreendidas de forma isolada das relações sociais. As idéias, as representações, as formações culturais (MARX; ENGELS, 1991) se formam e desenvolvem no interior das relações sociais. O modo como os homens vivem, suas relações recíprocas, seu modo de produzir, suas relações sociais em geral, é a chave explicativa de suas representações, suas idéias. Assim, a produção científica está indissolivelmente ligada com o processo social (LÖWY, 1987).

Karl Mannheim também apresentará importante contribuição para a compreensão da produção de conhecimento. Este autor irá destacar a relação entre a produção de conhecimento e o contexto socio-histórico, principalmente as classes sociais (MANNHEIM, 1986).

Berger e Luckmann também trazem uma importante contribuição ao destacar que o conhecimento é produzido socialmente (1986), semelhante a Durkheim, que afirma que as representações coletivas, entre outras formas de consciência, são produzidas socialmente (1996). Bourdieu traz uma análise fundamental ao realizar estudos sobre o

que ele denomina “campo científico” (1994) e em suas análises sobre a sociologia (1983), trouxe elementos fundamentais para se pensar a formação da sociologia no Brasil, seu processo de institucionalização e sua dinâmica.

O que todos estes pensadores apresentam é uma visão geral da produção do conhecimento, trazendo elementos importantes para uma análise fundamentada da formação da sociologia no Brasil. Estes sociólogos apresentam uma visão da produção de conhecimento como produto social e, por conseguinte, não pode ser separado das relações sociais, do processo histórico e social.

Sendo assim, somente compreendendo a sociedade brasileira em sua totalidade é que poderemos compreender a formação da sociologia no Brasil. Por sociedade brasileira entendemos uma extensão do conceito de sociedade, definido por Karl Marx, como sendo o conjunto das relações sociais. A sociedade brasileira, por conseguinte, é o conjunto das relações sociais existentes no território brasileiro. Este é um conceito abrangente, mas ao mesmo tempo concreto, isto é, refere-se a uma sociedade concreta, delimitada espacialmente e temporalmente (VIANA, 2011).

Sem dúvida, não se fará uma análise da totalidade das relações sociais existentes no Brasil, mas não perder de vista sua globalidade. Para isso a atenção é voltada para aqueles elementos fundamentais para a pesquisa, especialmente o processo de modernização da sociedade brasileira. Tal processo de modernização é marcado pela expansão da sociedade capitalista, ou, em outras palavras, de “ocidentalização” (LE GOFF, 2003). Este processo de modernização proporciona várias mudanças em uma determinada sociedade, assim como o processo de industrialização, elemento fundamental por instaurar novas relações de produção, urbanização, racionalização, entre outros.

A hipótese, por conseguinte, é a de que a formação tardia da sociologia no Brasil é derivada do próprio desenvolvimento histórico do Brasil, caracterizado por um capitalismo tardio, retardatário. Seria acertado considerar como “modernização tardia”.

Esta hipótese pode ser respaldada na análise que Marx e Engels fizeram da filosofia alemã de sua época, o chamado neohegelianismo (1991). O neohegelianismo surgiu numa sociedade atrasada, a Alemanha, com uma industrialização retardatária em relação aos demais países europeus (principalmente Inglaterra e França) e, no entanto, vestiu as concepções político-filosóficas destes países.

Há, pois, a presença de dois elementos que auxiliam a compreender o processo de constituição da sociologia no Brasil: um desenvolvimento econômico incipiente ao lado

do intercâmbio cultural com países mais desenvolvidos. Isto permite um desenvolvimento tardio da sociologia no Brasil, pois seu período pré-sociológico (até década de 30) se caracteriza pela importação cultural derivada de um intercâmbio com outras culturas que produziam uma sociologia mais sistematizada e institucionalizada. O seu caráter pré-sociológico é possível graças a este intercâmbio cultural que ocorria sem as bases materiais, o desenvolvimento capitalista. Assim, sua formação e institucionalização datam da consolidação do capitalismo tardio no Brasil, no qual a urbanização e industrialização se tornam predominantes no território brasileiro. Neste caso, cultura é entendida seguindo a definição fornecida por Alfred Weber: “os produtos artísticos, religiosos, filosóficos, e outros, de uma sociedade” (BOTTOMORE, 1970, p. 110). Em outras palavras, cultura se refere ao conjunto de idéias, valores, moral, religião, ciência, filosofia e outras produções intelectuais de uma determinada sociedade. Este conceito de cultura difere de outros fornecidos principalmente pela antropologia social, mas é bastante utilizado na teoria sociológica.

Assim, a determinação fundamental da formação tardia da sociologia brasileira é o a formação de um capitalismo retardatário no Brasil. Este capitalismo retardatário pressupõe um desenvolvimento capitalista avançado em outros países e de relações entre estas duas formas de capitalismo. Esta relação ocorre sob o signo da subordinação econômica que se reproduz sob a forma cultural e científica. Sendo assim, a formação tardia da sociologia brasileira é derivada desta situação do capitalismo à brasileira. A fase pré-sociológica é possível devido ao intercâmbio cultural e subordinação científica, o que produz “idéias fora do lugar” e manifestações rudimentares, convivendo com formas mais desenvolvidas em outros países. A formação da sociologia brasileira, sua fase científica, ocorre com o desenvolvimento capitalista no Brasil, o processo de industrialização, proporcionando a base material para o seu desenvolvimento e sistematização.

A partir destas considerações e referencial teórico, realizou-se uma análise da realidade brasileira a partir da leitura de autores como Gorender (1978); Gorender (1990); Freitas (1982); Costa (1982); Cardoso de Mello (1986); Mazzeo (1989); Gebara (1986) e Fernandes (1987). As leituras garantiram uma primeira visão panorâmica da sociedade brasileira para realizar a comparação com as sociedades européias nas quais surgiu a sociologia.

O objetivo propôs obter uma visão geral da sociedade brasileira no mesmo período em que a sociologia se esboçava na Europa e, de mesma maneira, no período de sua sistematização e consolidação. Isto ocorreu nos séculos XVIII (precursores da

sociologia), XIX (surgimento com os clássicos); XX (consolidação). Sem dúvida, perceber o processo histórico de desenvolvimento da sociedade brasileira era necessário e por isso realizou-se leituras sobre o período antecedente para compreender a dinâmica de desenvolvimento desta sociedade, sem fazer cortes abruptos.

Assim, as leituras de Gorender (1978; 1990), Costa (1982) e Freitas (1982) ajudaram a compreender a sociedade pré-capitalista brasileira, o regime escravista colonial. A transição deste regime para o regime capitalista, já tendo alguns subsídios nestas leituras, foram aprofundadas com a leitura dos textos de Cardoso de Mello (1986); Mazzeo (1989); Gebara (1986) e Fernandes (1987).

O conhecimento em geral e a ciência, mais especificamente, são produtos sociais. A ciência possui uma racionalidade própria, que não pode ser desligada dela, mas o seu conteúdo e mesmo os elementos determinantes de sua forma são constituídos socialmente. Assim, a sociologia surge na Europa num contexto social específico, numa sociedade que tem como características a secularização, a racionalização (WEBER, 1978), a industrialização e o surgimento da “questão social” (MARTINS, 1994; BOTTOMORE: 1970), a era do cientificismo e a busca de constituição de diversas novas ciências, principalmente as chamadas ciências humanas (VIANA, 2000), as lutas sociais, entre outros elementos. Em poucas palavras, a sociologia surge na Europa, a partir de um novo contexto social, marcado pelo surgimento e desenvolvimento da sociedade capitalista.

As pré-condições para o surgimento da sociologia são a formação do capitalismo e seu desenvolvimento, proporcionando novas lutas de classes (burguesia e proletariado), novos problemas sociais, e uma ampliação da racionalização e da divisão social do trabalho, o que faz emergir o que Bourdieu denomina “campo científico” e outros autores chamam “comunidade científica” (PORTOCARRERO, 1994; VIANA, 2003), o desenvolvimento das ciências naturais e o progresso tecnológico e científico que traz legitimidade e *status* superior ao novo ramo do saber, a ciência (VIANA, 2000). Também, neste contexto, como subdivisão no interior do “campo científico”, emerge o “campo sociológico”, isto é, uma subdivisão no interior de um campo mais amplo. A sociologia de Pierre Bourdieu (1983) contribui para uma compreensão deste processo, principalmente sua análise do campo científico e sua obra (BOURDIEU, 1983) na qual aborda as características dos sociólogos, embora não trabalhe exatamente sua gênese histórica.

O surgimento da sociologia fora do continente europeu é posterior, pois é neste que o capitalismo surge inicialmente e se torna hegemônico. Nos países fora do continente europeu em que ocorre um rápido processo de industrialização também há um desenvolvimento da sociologia, embora peculiar e ligado às influências europeias (CUIN; GRESLE, 1994).

Por fim, o desenvolvimento da sociologia nos países de capitalismo tardio tende a ser tardio, embora, devido à influência cultural dos países industrializados, possa se esboçar antes da concretização do processo de industrialização e sua consolidação.

Assim, a partir dos estudos de Gorender (1978; 1990), podemos perceber que a sociedade brasileira nasce sob o signo da escravidão. No período colonial, o Brasil é um país que se fundamenta num modo de produção escravista. No entanto, o escravismo brasileiro difere do escravismo antigo e a diferenciação se encontra no caráter colonial do primeiro. O regime escravista colonial brasileiro estava intimamente ligado ao processo colonizador europeu, mais especificamente português, e ao processo que Marx (1988) denominou “acumulação primitiva de capital”.

As relações de produção, no Brasil, no período da expansão colonial e acumulação primitiva de capital, eram escravistas. O escravismo brasileiro era mais brutal que o existente no mundo antigo, pois o seu caráter colonial e sua ligação com o processo de acumulação de capital na Europa, fazia dele uma máquina de sugar excedente, e assim a superexploração dos escravos negros se tornava sua máxima. Para se ter apenas um exemplo, a média de vida dos escravos negros era mais baixa do que a dos escravos da sociedade antiga. O regime colonial, em que pese o contato com os países mais industrializados, não possuía um desenvolvimento científico e tecnológico

Sem dúvida, nesta sociedade faltavam as bases sociais da existência da ciência sociológica. O processo de abolição da escravidão e a formação do mercado de trabalho livre já convivem com os primeiros passos de industrialização no Brasil. As primeiras indústrias vão surgindo no Brasil no final do século XIX. Este processo de industrialização vai seguindo uma linha evolutiva de acumulação que permite um desenvolvimento nacional em bases capitalistas. Juntamente com isto ocorrem mutações políticas e sociais.

O tópico fundamental da análise reside na industrialização tardia da sociedade brasileira, pois seria impossível abordar a complexa rede de fenômenos relacionados ao processo histórico de industrialização no Brasil. Segundo Cardoso de Mello (1986), a industrialização brasileira se acelera a partir da crise de 1929, o que significa o

aceleramento de um processo já em andamento. O início da industrialização no Brasil ocorre no final do século XIX mas seu processo de expansão data do início do século XX. É neste contexto que temos a industrialização brasileira de forma mais intensa e é, segundo Cardoso de Mello, a partir de 1929 que temos sua aceleração. A América Latina passa a constituir economias exportadoras a partir deste período, e é neste contexto que surgem as teses da “substituição de importações”.

Com o surgimento das economias capitalistas exportadoras, já o dissemos, o modo de produção capitalista se torna dominante na América Latina. Porém, o fato decisivo é que não se constituem, simultaneamente, forças produtivas capitalistas, o que somente foi possível porque a produção capitalista era exportada. Ou seja, a reprodução ampliada do capital não está assegurada endogenamente, isto é, de dentro das economias latino-americanas, face à ausência das bases materiais de produção de bens de capital e outros meios de produção. Abre-se, portanto, um período de transição para o capitalismo (CARDOSO DE MELLO, 1986, p. 96).

A economia cafeeira paulista impulsiona a industrialização brasileira com o capital monetário acumulado, a transformação da força de trabalho em mercadoria, e a formação de um mercado consumidor interno. Este processo gera uma industrialização restringida que só se expande a partir de 1933, se estendendo até 1955. Neste momento, a acumulação capitalista brasileira se liberta da dependência da economia cafeeira.

Portanto, o processo de formação do capitalismo é extremamente lento no Brasil. O capitalismo brasileiro dá os seus primeiros passos com o início da industrialização no final do século XIX, vai se consolidando no decorrer do século XX e somente se autonomiza do setor agrícola a partir de 1955. A lentidão deste processo decorre de sua industrialização tardia em relação aos demais países capitalistas avançados, o que o faz entrar na divisão internacional do trabalho de forma subordinada, pois o mercado mundial já estava dominado pelas grandes potências assim como as possibilidades de importação e exportação estavam dadas, sendo que a produção de bens de produção era pouco incentivada nos países de capitalismo retardatário, já que sua produção ocorria nos países centrais.

O processo de industrialização no Brasil foi diferenciado em relação ao ocorrido na Europa. Aqui se saía de um regime escravista colonial para um regime capitalista, enquanto na Europa a transição do sistema feudal para o sistema capitalista foi um processo mais longo, marcado por todo um processo de expansão da força da classe

capitalista e expansão do comércio que o acompanhava e por uma formação cultural construída secularmente, incluindo o desenvolvimento das ciências naturais.

No caso do Brasil, o processo de formação cultural se caracterizou pela importação de ideias estrangeiras assim como a falta de classes sociais relativamente independentes e por uma situação de concentração da produção capitalista em determinadas regiões (eixo Rio-São Paulo) convivendo com a manutenção de relações agrárias na maior parte do território brasileiro. A formação de instituições de ensino superior no Brasil, e de tradições científicas e da própria comunidade científica, foi muito posterior à ocorrida na Europa.

É a partir da década de 60 que o capitalismo brasileiro se encontra sintonizado com os elementos mais característicos do modo de produção capitalista e sua superestrutura, pelo menos na maior parte do país, apesar de ainda haver regiões mais voltadas para a produção agrária e dominadas por relações sociais tradicionais.

A proposta colocada anteriormente, de incursionar sobre a realidade brasileira reforçou a hipótese do desenvolvimento tardio do capitalismo brasileiro e sua relação com a formação também tardia da sociologia em nosso país. Podemos observar que o capitalismo brasileiro começa a dar seus primeiros passos no final do século IX, mas somente alcança um estágio significativo no início do século XX. Na Europa, as origens do capitalismo remontam o século XVI, passando pelos séculos XVII, XVIII e culmina no século XIX. Nos principais centros europeus (Inglaterra, Holanda, França) o século XIX é um século capitalista, no qual não apenas o modo de produção capitalista predomina amplamente, como também a superestrutura que lhe é correspondente já é hegemônica, o que foi conquistado a partir das revoluções burguesas. Assim, temos o nascimento das ciências humanas nesta região do globo terrestre. Em países mais atrasados no processo de industrialização, como a Alemanha, a Rússia, entre outros, a influência econômica e cultural se faz sentir.

No caso brasileiro, tem-se apenas alguns esboços de influência cultural. O positivismo enquanto pensamento político se tornou influente nas terras brasileiras desde o período republicano. Mas o capitalismo tardio no Brasil começou a se consolidar já no início do século XX. É neste momento que o positivismo já citado e as ideias anarquistas, entre outras importadas da Europa, começaram a se fazer presentes. No plano científico havia um completo descompasso entre a produção europeia (e já também a norte-americana) e a brasileira, pois no primeiro caso lida-se com a consolidação das ciências humanas, nos quais o pensamento clássico das principais ciências humanas já está



produzido e os campos de pesquisa e institucionalização estão bastante avançados. É somente no período posterior à Revolução de 1930 que os primeiros sinais de produção sociológica seriam esboçados no Brasil. Aqui temos os esboços de um desenvolvimento histórico marcado por um desenvolvimento homólogo da ciência sociológica. Assim, as raízes da sociologia brasileira se encontram no processo de desenvolvimento social brasileiro e da ciência sociológica na Europa. A sociologia encontra sua base de existência no desenvolvimento capitalista e este, no Brasil, se inicia no século XX, mas somente lança as bases de sua superestrutura a partir da Revolução de 1930. Por conseguinte, uma sociologia científica só teria condições de florescer em terras brasileiras após este período.

### Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOTTOMORE, Tom. *Introdução à Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: COHN, Gabriel (org.). *Bourdieu*. Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOUTHOU, Gaston. *História da Sociologia*. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

CÂNDIDO, Antonio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

CARDOSO DE MELLO, João Manuel. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Emília Viotti. *Da Senzala à Colônia*. 2 ed., Rio de Janeiro: Ciências Humanas, 1982.

CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. *História da Sociologia*. São Paulo: Ensaio, 1994.

DURKHEIM, Emile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Ensaio de Interpretação Sociológica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FERNANDES, Florestan. *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

- FREITAS, Décio. *O Escravismo Brasileiro*. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- GEBARA, Ademir. *O Mercado de Trabalho Livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GOMES, Cândido Alberto. *A Educação em Perspectiva Sociológica*. 3 ed. São Paulo: EPU, 1994.
- GORENDER, Jacob. *A Escravidão Reabilitada*. São Paulo: Ática, 1990.
- GORENDER, Jacob. *O Escravismo Colonial*. São Paulo: Ática, 1978.
- LEFEBVRE, Henri. *A Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forense, 1978.
- LÖWY, Michael. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. 2 ed. Rio de Janeiro: Busca Vida, 1987.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MARTINS, Carlos Benedito. *O Que é Sociologia*. 34 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 1, 3 ed., São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- MAZZEO, Antonio Carlos. *Estado e Burguesia no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.
- PÉCHEUX, Michel; FICHANT, Michel. *Sobre a História das Ciências*. Rio de Janeiro: Mandacaru, 1989.
- PORTOCARRERO, Vera (org.). *História, Filosofia e Sociologia das Ciências*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- SEDAS NUNES, A. *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*. Lisboa: Presença, 1977.
- VIANA, Nildo. “Darwin e a Competição na Comunidade Científica”. *Fragments de Cultura*. Vol. 13, nº 01, jan./fev. 2003.
- VIANA, Nildo. “Sobre as Ciências Sociais”. *Estudos – Revista da Universidade Católica de Goiás*. Vol. 27, nº 04, out./dez. 2000.
- VIANA, Nildo. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia: Alternativa, 2007.
- VIANA, Nildo. *Introdução à Sociologia*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 2 ed., São Paulo: Pioneira, 1978.

**Resumo:** O trabalho aborda as raízes da sociologia no Brasil, analisa as razões de seu surgimento tardio em comparação com o ocorrido na Europa Ocidental, e conclui que o surgimento tardio é produto do próprio desenvolvimento capitalista tardio da sociedade brasileira.

**Palavras-Chave:** Sociologia, Sociologia Brasileira, Desenvolvimento Capitalista, Capitalismo Tardio, Totalidade.

**Abstract:** The work addresses the roots of sociology in Brazil, analyzes the reasons for its late appearance in comparison with what occurred in Western Europe, and concludes that the late appearance is the product of the very late capitalist development of Brazilian society.

**Keywords:** Sociology, Brazilian Sociology, Capitalist Development, Late Capitalism, Totality.